

ALEX VERSUS O OUTRO

*Rubervam Du Nascimento**

Ele, Alex. Basta chamá-lo Alex. Alex do verbo grego *aléxo*, que significa defender ou proteger. Alex o “defensor da humanidade”. Alex o “protetor do homem”. Alex plural: Alex. Altura, peso, idade, nada disso faz sentido. Alex não tem idade, continua um menino travesso de cabelos longos, entrançados. Uma espécie de “anjo maldito”, em guerra permanente contra a praga da mesmice e da ingenuidade, fortemente disseminada em nosso tempo.

Uma sorte ter pessoas assim como Alex ao nosso lado, nesse instante em que a parvoíce tupiniquim tomou de conta deste país. O outro, não é necessário escrever o nome, todos o conhecem. Falo do outro de língua espichada, na camisa que Alex vestiu ao conversar com seus pares, no recente ENAFIT do Rio de Janeiro, ponto de altíssimo nível de alerta, de chamamento contra a ignorância e a incapacidade de análise subterrânea, não superficial, da nossa realidade. O fato é que Alex e o outro de língua esticada roubaram a cena. Ofereceram um recorte diferente ao postulado da indignação, tão necessária nesta hora de luta pela manutenção de nossas prerrogativas institucionais, respeito à nossa escolha profissional, sobretudo, reconhecimento de nossa história. Ofereceram a língua, não apenas como demonstração de ousadia, um toque para a retomada da consciência crítica, capaz de enfrentar, com a resposta que merece, o tratamento vergonhoso dos atuais “proprietários do poder central”, aos nossos pleitos, acordados entre representantes da categoria e do governo federal, após cansativas negociações, resultante de discussões da base, reuniões em grupos e assembleias da categoria, em todos os Estados da federação, e Distrito Federal.

Impossível acreditar que não conheçam os atuais “proprietários do poder central”, o trabalho relevante que os Auditores-Fiscais do Trabalho prestam à nação brasileira, cujo ofício diário é essencial para o equilíbrio da complexa relação entre capital e trabalho. Reunidos em torno do Sindicato Nacional, o SINAIT, de atuação exemplar em defesa dos interesses de seus filiados, e do país; é do conhecimento de grande parte dos brasileiros, e da comunidade internacional, o nosso esforço, beirando a sacrifício, para a efetivação do conjunto de leis e normas jurídicas que protegem a mão de obra assalariada, dos danos físicos e mentais, resultantes da maldade e estupidez, patrocinadas pela exacerbação de lucro dos capitalistas. Não há razão, portanto, que explique tamanha discriminação com a nossa categoria,

Não compareci ao ENAFIT do Rio de Janeiro, um dos poucos que não participei. Complicado deixar o kibutz onde resido atualmente, na cidade paulista de Santo André, enquanto não encerrar o conserto (poderia ser concerto) da voz das palavras, do mais recente rascunho em preparo: **REPARTIÇÃO – a pequena história do mundo**, cuja matéria-prima retirei do que se costuma jogar na cesta de lixo de nossa vida pessoal, estragar-se em alguma parte de nós, como se não tivesse valor algum, como se fosse parte de convivências, movidas por idênticas motivações, derrotadas pelo descuido do esquecimento, mas que aconteceu, está viva, e continuará pulsando – espero – nas páginas de um livro de poesia. Um livro-vida que trabalha com o imaginário de trinta e nove anos de luta em favor de causas que abraçamos, como agentes públicos, como cidadãos, com a certeza de que é possível alterar a realidade, pelo menos, mais próxima de nós.

Em momentos como este, em que Alex e o outro emprestam a língua a um evento de enorme repercussão, o ENAFIT, o rescaldo dessas lutas, aparentemente “perdidas” vem à tona; desperta as subjetividades adormecidas, respira e toma novo fôlego; a resistência à crueldade, à banalidade, ao ódio, reacende o seu fogo provocador, rebela-se contra os nossos dias, tão perigosos, impuros, vazios.

Alex e o outro, apoiados na língua, com a permissão de Arquimedes - linhagem a que pertencem os guerreiros que não fogem da luta - pegaram a língua, digo a alavanca da utopia, desafiaram a indolência do poder imaginativo, os corpos sem movimento e, sob a provocação da desordem diluidora de caos, tão necessária neste momento, como o sol precisa da manhã para espalhar o seu brilho, pediram ajuda a seus pares, para que juntos, movéssemos o mundo.

Ao mostrar Alex a língua, a sua e a do outro, fez um chamado para a revisão de entendimentos frágeis, de práticas anacrônicas, sobre convivências, individuais, coletivas, profissionais, humanas. Sua atitude, e a do outro, coloca em xeque o modo como processamos a destinação de nossas dores e alegrias; prova dos nove, que certamente nos levará a pensar se a sociedade que temos, que colaboramos, de uma forma ou outra, para a sua construção, é realmente a sociedade que queremos para nossos filhos e netos. A camisa que Alex vestiu do ENAFIT, lembra que a insistência em alcançarmos uma sociedade de plena humanidade, mais liberta, mais justa, com oportunidade igual para todos, que não privilegie uns poucos, em detrimento dos demais, deve continuar sendo o ideal máximo de nossa passagem por este mundo, ao contrário, não teremos justificativa para lutar por mais nada. Alex disse a todos nós, Alex e o outro, o da língua esticada, que só terá significado de vitória a nossa luta, se reconhecermos que, de certa forma, integramos a imensa maioria de “pobres coitados”, secularmente agredidos.

Rubervam Du Nascimento - Auditor-Fiscal aposentado. Trabalhou na ativa, durante trinta e nove anos, na SRTE do Piauí. Atualmente reside em Santo André/SP. Poeta, autor de quatro livros editados, três dos quais premiados.